

4 • Violência Urbana e Exclusão Social

Este módulo traz um *rap*. O *rap*, que quer dizer ritmo e poesia (*rhythm and poetry*), resulta da combinação entre a linguagem verbal e a linguagem musical (ritmo e melodia). É um subgênero do gênero canção.



Break, B. Girl (dançarina) do Jabaquara Breakers/SP (Atiely Santos, 2003).

A canção é um gênero bastante presente em livros didáticos e em programas de televisão sobre a língua portuguesa. Muitos compositores, como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Djavan, tiveram as letras de suas canções exploradas em conteúdo e forma. Os consagrados compositores da MPB são quase sempre eleitos como bons exemplos de criação poética. No entanto, é rara a presença de letras de *rap* nos livros didáticos, apesar de o *rap* ser um tipo de canção urbana muito conhecido e popular entre jovens e adultos que moram em grandes cidades.

O *rap*, como toda canção, é uma prática de linguagem que necessariamente articula o oral e o escrito. No *rap*, diferentemente de outros tipos de canção, a fala é rimada e ritmada. Sua dimensão escrita emerge no momento da produção (em que o compositor registra sua criação e/ou seu processo) e no momento da distribuição (por exemplo, no encarte do disco ou nas páginas da internet). É esta dimensão que permite que a letra do *rap* seja objeto de análise neste módulo.

Ao falarmos do *rap*, temos que falar do movimento *hip-hop*. O movimento *hip-hop* é composto de três elementos: o *rap* (a música) o *break* (dança) e o *gráfito* (expressão através de desenhos). Esse movimento cultural nasceu nos anos 1970, nas ruas dos bairros negros de Nova Iorque, nos Estados Unidos. É um movimento que reúne música, dança e artes plásticas. No livro *A cidade e o urbano no mundo atual*, de Roberto Giansanti, que faz parte dessa coleção, o movimento *hip-hop* no Brasil é descrito da seguinte forma:

“Tal como em outros países, o *hip-hop* no Brasil procura reafirmar a identidade dos jovens a quem se dirige (em geral, negros, pobres e da periferia) e elevar sua auto-estima por meio da arte. Há diferenças em relação aos norte-americanos. Lá é uma expressão típica dos guetos negros urbanos, aqui emerge como voz da favela, da periferia, dos pobres em geral – por sinal, negros em sua maior parte. (...) No caso do Brasil, são muitos os grupos de *rap* envolvidos em projetos sociais em bairros pobres, em colaboração com moradores, entidades e outros grupos artísticos, como sambistas e pagodeiros. São projetos que ensinam música, dança, informática, entre outros, para as crianças e jovens de suas comunidades. E são muitas as mensagens de alerta, de despertar de consciências, de recusa das drogas e de opção pela paz”.

Em uma entrevista, Mano Brown, um *rapper* consagrado, define o *rap* do seguinte modo:

“Tudo bem, o *rap* tem o poder de fazer o cara se inspirar às vezes numa fita ou outra, só que ele não é realidade pura, mano. É como tirar uma paisagem da vida real e fazer um desenho. Se você pega um quadro, pinta uma criança catando lixo, na vida real é feio pra caralho, mas todo mundo vai querer comprar. Entendeu a diferença? Aí é que tá o barato do *rap*. O *rap* é o retrato do barato. Se você quiser vender aquilo ali, ninguém compra, você vai ter que transformar. Por que o cara gosta e compra o *rap*? O bagulho rima, tem a batida, tem balanço... Fala umas palavras que no dia-a-dia o cara nunca imaginava que ia virar um *rap*. É tudo magia, truta. Cada música que eu faço pra mim é um filho. Todas têm uma personalidade, têm alma. Eu não faço música pra encher disco nem pra fazer ibope. Faço música. Cada letra tem uma cara, tem uma cor, tem um estilo. Cada música é uma pessoa. A música é viva. As coisas têm que estar todas ali. O corpo humano tem cabelo, olho... A música é a mesma coisa: tem a batida, tem a rima, tem o ritmo, tem a idéia, tem a mensagem que está escondida, mas tem que ter a mensagem explícita...”.

(Trechos da entrevista publicada na revista *Teoria & Debate*, Fundação Perseu Abramo, nov./dez./jan., 2001. Site: <<http://www.fpabramo.org.br/td/td46/td46.htm>>.)

Compreender o *rap*, sua linguagem e suas mensagens é também uma maneira de compreender a sociedade brasileira. O *rap* dá voz a quem não tem meios de se expressar e permite que a perspectiva dos excluídos seja contemplada na construção da história de nossa sociedade.

Para que se possa entender a importância desse gênero musical, vejamos os trechos abaixo de um texto do jornalista Marco Frenette, comentando especificamente o CD *Sobrevivendo no inferno* (1997), dos Racionais MC's, da qual retiramos a letra a ser trabalhada nesta unidade:

“Os Racionais produzem crítica social em forma de *rap* desde 1988, mas só agora atingiram a maturidade artística, com o contundente trabalho *Sobrevivendo no Inferno*. Lançado em dezembro de 1997, este disco é um excelente retrato do Brasil contemporâneo, pois, em vez de falar das diminutas ilhas de prosperidade onde os ricos e os de classe média vivem, ou gastar rimas e acordes incentivando sonhos impossíveis de amor e dinheiro, trata da difícil vida dos moradores das enormes regiões periféricas de São Paulo.

(...) Essa característica do trabalho dos Racionais – a de oferecer um perfil psicológico e comportamental de parte de nossa população – tira-os do estrito cenário musical para colocá-los num campo mais amplo: o do estudo sistemático e interdisciplinar do fenômeno da violência urbana. Sabe-se, por exemplo, que, muito antes de um rapaz da favela se encher de coragem e sair para a rua para cometer seu primeiro crime, já houve em sua cabeça toda uma re(in)volução mental que lhe vai dar a base emocional necessária para suportar a pressão psicológica presente em toda situação-limite. O favelado simplesmente não acorda numa bela manhã, lança um olhar em direção ao horizonte, e resolve que já está na hora de radicalizar. É necessária toda uma preparação espiritual e mental para a criminalidade, muitas vezes obtida após anos de convívio com um código moral e ético da bandidagem, que traz em seu cerne um desprezo pela vida de todos os bem-nascidos e uma revolta contra um sistema social e financeiro que os trata como escória. Essa fórmula, em que se encontram em doses iguais o ódio, a frustração e a dor, está magistralmente descrita nas letras e na música dos Racionais. Ao mostrar os sonhos, a desesperança e o fim trágico de muitos rapazes da periferia, esses *rappers* impedem que esqueçamos o quanto a existência humana é complexa, sobretudo quando ela está sob o domínio do medo e da miséria.

(...) O interessante no sucesso deles (200 mil cópias vendidas do CD *Sobrevivendo no inferno* nas primeiras quatro semanas de vendas (dezembro de 1997), videoclipe na MTV, convites de grandes gravadoras, primeiras páginas dos principais cadernos culturais de São Paulo etc.) é que cresceram como *rappers* a partir do apoio de jovens pobres que se identificam com as letras e a postura do grupo. Isso mostra que uma parcela de nossa juventude sente necessidade de músicas que falem de um mundo real e não de uma terra de sonhos.

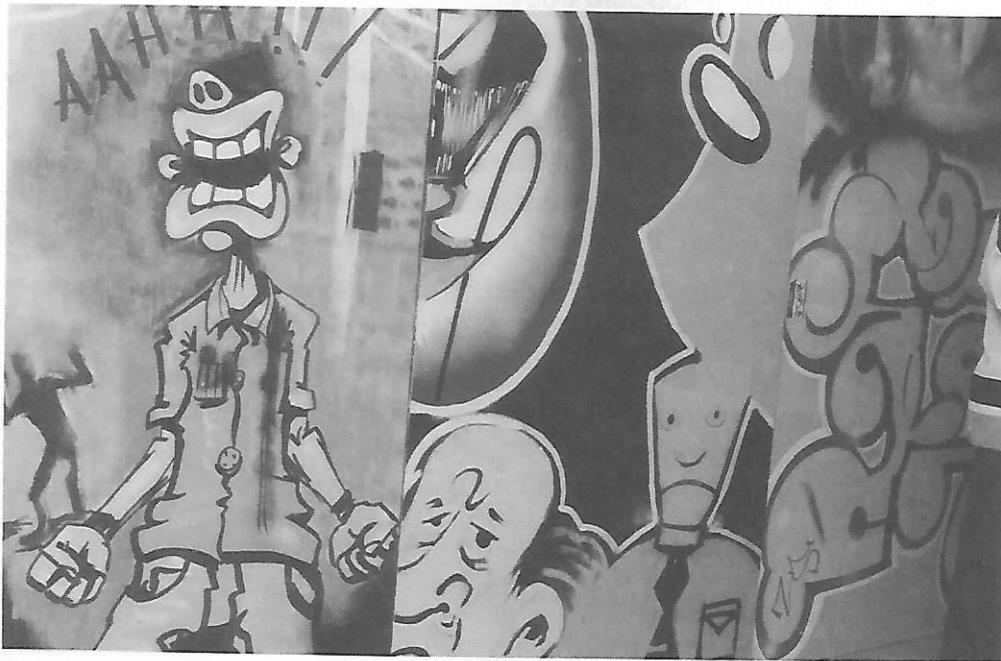
(...) A vida na periferia, por ser muito dura, não comporta eufemismos. Por isso, o diferencial desse grupo de *rap* já começa na escolha cuidadosa das palavras. A crueza do vocabulário, evidenciado no uso pertinente e criativo de gírias e palavrões, compõe uma linguagem de rua que é a própria linguagem da sobrevivência. Curtos e grossos, porém articulados, os Racionais criaram um produto cultural inédito ao descrever a vida sem futuro dos bandidos e as aspirações impossíveis dos pobres.”

(Trechos do texto *Sobre os racionais MC's*, do jornalista Marco Frenette.

Fonte: Revista *Caros Amigos*, ano 1, nº 12, Editora Casa Amarela, março de 1998.)

Desde o início dos anos 1990, vários grupos de *rap* surgiram no Brasil. O comentário acima do jornalista Marco Frenette pode ser estendido para muitos dos atuais grupos de *rap*, que produzem suas músicas com o objetivo de falar sobre determinados temas para um público especial: a grande massa dos excluídos. Para essas pessoas, que necessitam de uma mensagem de esperança e de força, o *rap* funciona, como dizem os “manos”, como uma arma, uma arma social, que possibilita a expressão dos que mais sofrem e daqueles que possuem, apesar de todas as dificuldades, um compromisso com a construção de uma sociedade mais justa.

Apesar de este volume não vir acompanhado de um encarte com um CD que contenha essa música do Racionais, sugere-se que a leitura da letra do *rap* seja feita junto com a escuta da forma como ela é executada pelo grupo, para que a musicalidade (melódica e/ou rítmica) também possa ser percebida. E também para que a leitura transforme-se em um exercício de observação da interação entre a linguagem verbal e os outros recursos expressivos articulados no *rap*.



Painéis com grafite de grupos de hip-hop em São Paulo, SP (Atiely Santos, 2003).

RAP

Contextualizando o texto

O texto trabalhado nesta unidade é o rap “Tô ouvindo alguém me chamar”, de Mano Brown, faixa do álbum *Sobrevivendo no inferno*, do grupo Racionais MC's.

O grupo Racionais MC's é formado por Mano Brown, Edy Rock, Ice Blue e KL Jay. Em 1988, os “manos” da Zona Norte da capital São Paulo, Edy Rock e KL Jay gravaram a música “Mulheres vulgares” para a coletânea *Consciência black*, do selo Zimbabwe. Mano Brown e Ice Blue, “manos” da Zona Sul de São Paulo, participaram do mesmo disco, com *Pânico na Zona Sul*. As duplas resolveram se unir e formar um único grupo. Nasceram assim os Racionais MC's. Com o nome do grupo escolhido, gravaram o primeiro disco em 1990, *Holocausto urbano*. O álbum vendeu cerca de 50 mil cópias – ótimo resultado para uma banda iniciante. Em seguida, vieram os CDs *Escolha seu caminho* (1992), *Raio X do Brasil* (1993), *Sobrevivendo no inferno* (1998), *Ao vivo* (2000) e *Nada como um dia após o outro dia* (2002).

A letra da música que será trabalhada nesta unidade, “Tô ouvindo alguém me chamar”, está escrita em primeira pessoa. Esse rap encontra-se estruturado por meio da narração de histórias, de memórias e comentários do narrador sobre o que aconteceu. Sem maiores rodeios, o rap traz a história de um jovem que entrou para o mundo do crime. Muitos dos recursos usados para contar essa história já foram estudados ao longo desse livro.

Depois de ler e, se possível, escutar o rap dos Racionais, algumas atividades são propostas. Para fazê-las, você deverá levar em conta uma grande parte do que foi estudado até o momento e, assim, poderá analisar como esta mensagem foi construída para o público jovem das classes economicamente desfavorecidas.

Tô ouvindo alguém me chamar

(Mano Brown)

“Aí mano, o Guina mandou isso aqui pra você!”

Tô ouvindo alguém gritar meu nome

Parece um mano meu, é voz de homem

Eu não consigo ver quem me chama

É tipo a voz do Guina

Não, não, não, o Guina tá em cana

Será? Ouvi dizer que morreu, sei lá!

Última vez que eu o vi, eu lembro até que eu não quis ir, ele foi

Parceria forte aqui era nós dois

Louco, louco, louco e como era
Cheirava pra caralho (vixe) sem miséria
 Todo ponta firme
 Foi professor no crime
Também maior sangue frio, não dava boi pra ninguém (Hamm...)
 Putá aquele mano era foda!
 Só moto nervosa
 Só mina da hora
 Só roupa da moda
 Deu uma pá de blusa pra mim
 Naquela fita na boutique do Itaim
Mas sem essa de sermão, mano, eu também quero ser assim
 Vida de ladrão, não é tão ruim
Pensei, entrei no outro assalto, coleí e pronto aí o Guina deu mó ponto:
 – Aí, é um assalto, todo mundo pro chão, pro chão...!
 – Aí, filho da puta, aqui ninguém tá de brincadeira não!
 – Mas eu ofereço o cofre mano, o cofre, o cofre...
 – Vamo lá que o bicho vai pegar!

Pela primeira vez vi o sistema aos meu pés
 Apavorei, desempenho nota dez
 Dinheiro na mão, o cofre já tava aberto
 O segurança tentou ser mais esperto, então
Foi defender o patrimônio do playboy, cuzão (tiros)
 Não vai dar mais pra ser super-herói
Se o seguro vai cobrir (hehe), foda-se, e daí?
 Hamm... O Guina não tinha dó
 Se reagir, bum, vira pó
 Sinto a garganta ressecada
E a minha vida escorrer pela escada
 Mas se eu sair daqui eu vou mudar

Eu tô ouvindo alguém me chamar (2x)

Tinha um maluco lá na rua de trás
 Que tava com moral até demais
 Ladrão, ladrão, e dos bons
 Especialista em invadir mansão
 Comprava brinquedo a reviria
 Chamava a molecada e distribuía
 Sempre que eu via ele tava só
O cara é gente fina mas eu sou melhor

*Eu aqui na pior, ele tem o que eu quero
Jóia escondida e uma três, oito, zero
Num desbaratino ele até se crescia
Se pã, ignorava até que eu existia
Tem um brilho na janela, é então
A bola da vez tá vendo televisão
"Psiu....Vamo, vai, entramo"*

*Guina no portão, eu e mais um mano
– Como é que é neguinho?
Humm.... Se dirigia a mim, e ria, ria, como se eu não fosse nada
Ria, como fosse ter virada
Estava em jogo, meu nome e atitude (tiros)
Era uma vez Robin Hood
Fulano sangue ruim, caiu de olho aberto
Tipo me olhando, Hee, me jurando
Eu tava bem de perto e acertei os seis
O Guina foi e deu mais três
Lembro que um dia o Guina me falou
Que não sabia bem o que era amor
Falava quando era criança
Uma mistura de ódio, frustração e dor
De como era humilhante ir pra escola
Usando a roupa dada de esmola
De ter um pai inútil, digno de dó
Mais um bêbado, filha da puta e só
Sempre a mesma merda, todo dia igual
Sem feliz aniversário, Páscoa ou Natal
Longe dos cadernos, bem depois
A primeira mulher e o 22
Prestou vestibular no assalto do busão
Numa agência bancária se formou ladrão
Não, não se sente mais inferior
Aí neguinho, agora eu tenho o meu valor
Guina, eu tinha mó admiração, ó
Considerava mais do que meu próprio irmão, ó
Ele tinha um certo dom pra comandar
Tipo, linha de frente em qualquer lugar
Tipo, condição de ocupar um cargo bom e tal
Talvez em uma multinacional
É foda, pensando bem que desperdício
Aqui na área acontece muito disso*

Inteligência e personalidade, mofando atrás da porra de uma grade

Eu só queria ter moral e mais nada

Mostrar pro meu irmão

Pros cara da quebrada

Uma caranga e uma mina de esquema

Algum dinheiro resolvia o meu problema

O que eu tô fazendo aqui?

Meu tênis sujo de sangue, aquele cara no chão

Uma criança chorando e eu com um revólver na mão

Era um quadro do terror, e eu que fui o autor

Agora é tarde, eu já não podia mais

Parar com tudo, nem tentar voltar atrás

Mas no fundo, mano, eu sabia

Que essa porra ia zoar minha vida um dia

Me olhei no espelho e não reconheci

Estava enlouquecendo, não podia mais dormir

Preciso ir até o fim

Será que Deus ainda olha pra mim?

Eu sonho toda madrugada

Com criança chorando e alguém dando risada

Não confiava nem na minha própria sombra

Mas segurava a minha onda

Sonhei que uma mulher me falou, eu não sei o lugar

Que um conhecido meu (quem?) ia me matar

Precisava acalmar a adrenalina

Precisava parar com a cocaína

Não tô sentindo meu braço

Nem me mexer da cintura pra baixo

Ninguém na multidão vem me ajudar

Que sede da porra, eu preciso respirar

Cadê meu irmão?

Eu tô ouvindo alguém me chamar (2x)

Nunca mais vi meu irmão

Diz que ele pergunta de mim, não sei não

A gente nunca teve muito a ver

Outra idéia, outro rolê

Os maluco lá do bairro

Já falava de revólver, droga, carro

Pela janela da classe eu olhava lá fora

A rua me atraía mais do que a escola

Fiz dezessete, tinha que sobreviver

Agora eu era um homem
Tinha que correr
No mundão você vale o que tem
Eu não podia contar com ninguém
Cuzão, fica você com seu sonho de doutor
Quando acordar cê me avisa, morô?
Eu e meu irmão, era como óleo e água
Quando eu sai de casa trouxe muita mágoa
Isso há mais ou menos seis anos atrás
Porra, mó saudade do meu pai!
Me chamaram para roubar um posto
Eu tava duro, era mês de agosto
Mais ou menos três e meia, luz do dia
Tudo fácil demais, só tinha um vigia
Não sei, não deu tempo, eu não vi, ninguém viu
Atiraram na gente, o moleque caiu
Prometi pra mim mesmo, era a última vez
Porra, ele só tinha dezesseis
Não, não, não, tô a fim de parar
Mudar de vida, ir pra outro lugar
Um emprego decente, sei lá
Talvez eu volte a estudar
Dormir à noite era difícil pra mim
Medo, pensamento ruim
Ainda ouço gargalhadas, choro, vozes
A noite era longa, mó neurose
Tem uns maluco atrás de mim
Qual é? Eu nem sei
Diz que o Guina tá em cana e eu que cagüetei
Logo quem, logo eu, olha só, ó
Que sempre segurei os B.O.
Não, eu não sou bobo, eu sei qual é que é!
Mas eu não tô com esse dinheiro que os cara quer
Maior que o medo, o que eu tinha era decepção
A traiagem, a pilantragem, a traição
Meus aliado, meus mano, meus parceiro
Querendo me matar por dinheiro
Vivi sete anos em vão
Tudo que eu acreditava não tem mais razão, não
Meu sobrinho nasceu
Diz que o rosto dele é parecido com o meu
Hee, diz, um pivete eu sempre quis
Meu irmão merece ser feliz

Deve estar a essa altura
Bem perto de fazer a formatura
Acho que é direito, advocacia
Acho que era isso que ele queria
Sinceramente eu me sinto feliz
Graças a Deus, não fez o que eu fiz
Minha finada mãe, proteja o seu menino
O diabo agora guia o meu destino
Se o Júri for generoso comigo
Quinze anos para cada latrocínio
Sem dinheiro pra me defender
Homem morto, cagueta, sem ser
Que se foda, deixa acontecer
Não há mais nada a fazer
Essa noite eu resolvi sair
Tava calor demais, não dava pra dormir
la levar meu canhão, sei lá, decidi que não
É rapidinho, não tem precisão
Muita criança, pouco carro, vou tomar um ar
Acabou meu cigarro, vou até o bar
"E aí, como é que é, e aquela lá ó?"
Tô devagar, tô devagar
Tem uns baratos que não da pra perceber
Que tem mó valor e você não vê
Uma pá de árvore na praça, as criança na rua
O vento fresco na cara, as estrela, a lua
Dez minutos atrás, foi como uma premunição
Dois moleques caminharam em minha direção
Não vou correr, eu sei do que se trata
Se é isso que eles querem
Então vem, me mata
Disse algum barato pra mim que eu não escutei
Eu conhecia aquela arma, é do Guina, eu sei
Uma três, oito, zero prateada, que eu mesmo dei
Um moleque novato com a cara assustada
"Aí mano, o Guina mandou isso aqui pra você"
Mas depois do quarto tiro eu não vi mais nada
Sinto a roupa grudada no corpo
Eu quero viver, não posso estar morto
Mas se eu sair daqui eu vou mudar
Eu tô ouvindo alguém me chamar.

Fonte: <<http://racionalismcs.toouvindoalguemmechamar.letrasdemusicas.com.br/musica.php?id=35264>>.

Roteiro de Atividades

Explorando o universo textual: Tô ouvindo alguém me chamar

Nesta última unidade, os conhecimentos aprendidos ao longo desse livro sobre os diferentes gêneros textuais serão utilizados para responder perguntas e para construir um debate sobre o texto.

Sobre as principais personagens do rap

1. Quem é o narrador? Faça uma breve descrição dele (família, grupo social a que pertence, escolaridade, idade) a partir das informações presentes no texto.
2. A identidade social do narrador pode também ser revelada por sua linguagem. Por exemplo, em “apavorei, desempenho nota dez”, a palavra “apavorei” é uma gíria que quer dizer “arrasei”, “me saí muito bem”. Dê alguns outros exemplos de expressões que marcam a identidade social do narrador.
3. Agora focalize o Guina, o melhor amigo do narrador. Procure fazer uma caracterização do Guina, baseando-se no que o narrador diz sobre ele. Procure respeitar a caracterização (qualidades, defeitos, ações) produzida no texto e evite fazer avaliações pessoais (suas) sobre o personagem.
4. Procure caracterizar o irmão do narrador. Compare a vida do narrador com a do irmão dele. E, por fim, relate como o narrador se sentia em relação ao irmão no início e no final da história.

Sobre a estruturação do texto

5. Procure refazer o percurso do narrador em relação aos delitos que comete. Para tanto, siga os seguintes passos:
 - classifique cada delito cometido de acordo com a lista de palavras da Unidade 6;
 - elabore um curto relato sobre cada um dos crimes cometidos pelo narrador;
 - procure também descrever como o narrador se sentia a cada vez que cometia um crime.
6. Quais os motivos que levam o narrador a matar o “maluco/ladrão” que morava “lá na rua de trás”? Justifique sua resposta observando principalmente as razões elencadas pelo narrador:

“(…) (o maluco) Tava com moral até demais.”

“(…) Ria, ria, como se eu não fosse nada.”

“(…) Estava em jogo meu nome e atitude.”

7. Esse *rap* começa com uma fala: “Aí mano, o Guina mandou isso aqui pra você!”
 - a) Quem faz essa fala?
 - b) O que a pessoa está trazendo para o narrador em nome do Guina?
8. Quem mandou matar o narrador? Quais teriam sido as razões que levaram ao seu assassinato? Justifique sua resposta mobilizando as pistas presentes no texto, seu conhecimento de mundo e sua imaginação.
9. Este *rap* encontra-se estruturado por meio de *pequenas narrativas* (que sempre vão apresentar alguma complicação), de *relatos* (que apresentam o passado a partir de uma perspectiva resumida e sem trazer a complicação, característica da narrativa) e de *comentários* (que se caracteriza pelo uso do tempo verbal no presente) sobre o passado e sobre o momento presente. Abaixo, alguns exemplos:

Exemplo de relato: “A última vez que eu o vi/Eu lembro até que eu não quis ir, ele foi/Parceria forte aqui era nós dois/Louco, louco, louco e como era/Cheirava para caralho, vixe, Sem miséria!/Todo ponta firme/Foi professor no crime/Também maior sangue frio, não dava boi pra ninguém.../Putá aquele mano era foda!/Só moto nervosa/Só mina da hora/Só roupa da moda/Deu uma pá de blusa pra mim/Naquela fita na boutique do Itaim.”

Exemplo de comentário: “Mas sem essa de sermão, mano, eu também quero ser assim/Vida de ladrão, não é tão ruim assim.”

Exemplo de narrativa: “Pensei, entrei em outro assalto, coleí e pronto/Aí o Guina deu o mó ponto:/ ‘Aí, é um assalto, todo mundo pro chão, pro chão...!’ – Aí, filho da puta, aqui ninguém tá de brincadeira não!/ Mas eu ofereço o cofre, mano, o cofre, o cofre...’.”

Exemplo de comentário: “Pela primeira vez vi o sistema aos meus pés/ Apavorei, desempenho nota dez.”

Exemplo de narrativa (continuidade): “Dinheiro na mão, o cofre já tava aberto/O segurança tentou ser mais esperto, então/Foi defender o patrimônio do *playboy*, cuzão. (tiros)

Dê dois outros exemplos de cada um desses recursos de estruturação do *rap*: duas outras narrativas contadas pelo narrador, dois relatos (rememorações) e dois outros comentários sobre os eventos narrados.

Sobre o ponto de vista do narrador

- 10.** O narrador conta sua história a partir do momento em que é alvejado. Sabemos disso porque ele começa sua história com a fala de um dos moleques que lhe dá os tiros. Mas somente descobrimos que a fala é de autoria de um de seus assassinos ao final do *rap*. Retire do texto os trechos que indicam os momentos em que o narrador pára de narrar e volta a esse ponto (o momento em que foi alvejado) a partir do qual a história é narrada.

Texto em debate

Faça um debate com seus amigos e colegas sobre o *rap* “Tô ouvindo alguém me chamar”. Na época em que o CD *Sobrevivendo no inferno* foi lançado, esta música foi interpretada como fazendo uma apologia do crime. Antes de se posicionar em relação a esta polêmica, você deve debater com seus colegas as seguintes questões:

- a)** Por que o narrador entra para o mundo do crime? Procure basear sua resposta nas informações e explicações presentes na reportagem da Unidade 6 e na entrevista da Unidade 7, considerando principalmente a exposição sobre a teoria dos controles. Para responder a essa questão, é importante observar que o narrador, desde que resolveu sair de casa, decidiu seguir outras normas sociais (as normas estabelecidas pelos grupos que vivem na criminalidade) e não as normas sociais do seu grupo de origem (família, escola e religião).
- b)** Por que o narrador mudou de opinião sobre o mundo do crime? Procure fundamentar suas respostas com as informações presentes na letra do *rap* e nos textos introdutórios dessa unidade, com a sua avaliação sobre este e outros relatos de experiência e com seus conhecimentos de mundo e valores morais.
- c)** Como pode ser observado no texto complementar deste módulo, a violência entre os jovens é um problema estrutural, não apenas um problema moral. Com base nas informações recolhidas ao longo desse livro, procure discutir que ações estão sendo desenvolvidas para que a juventude em nosso país possa ter o direito à vida e a uma vida digna.

Explorando o universo textual: Tô ouvindo alguém me chamar Sobre as personagens principais do rap

1. O narrador é um jovem que tem entre 23 e 24 anos, que saiu de casa aos 17 e entrou para o mundo do crime; é morador de um bairro de periferia; sua família é composta por seu pai, sua mãe, já falecida, e um irmão, que se casou e teve um filho. O narrador freqüentou a escola, mas o texto não dá pistas sobre sua escolaridade; como saiu de casa aos 17 anos, provavelmente deve ter terminado o primeiro grau. Pode-se dizer que ele pertence às classes economicamente menos favorecidas, já que desejava bens (como, por exemplo, roupas da moda, moto, carro) que nem ele, nem sua família tinham condições de adquirir. No entanto, pelas pistas que o texto dá, seu irmão concluiu os estudos e se formou em direito (advocacia). Portanto, ele pertence a uma família de trabalhadores.
2. Há uma série de expressões que marcam a identidade social do narrador. O uso de gírias como “mó”, “ponta firme”, “tipo”, “busão”, “zoar” indica que o narrador é um jovem. Expressões como “fita”, “dar boi”, “canhão”, são expressões que originalmente eram usadas apenas pela “malandragem” e que, depois, também passaram a ser usadas por outros grupos sociais, principalmente os jovens. Por fim, as expressões “mina” e “da hora”, “mano” e “nervosa” (que indica uma qualidade positiva), marcam a identidade regional do narrador: ele é paulista.
3. O Guina é o principal parceiro do narrador em suas atividades criminosas. Guina teve uma vida difícil. A descrição feita de sua infância na letra da música ressalta que ele “não sabia bem o que era amor”. Guina foi uma criança muito pobre que se sentia humilhada e frustrada por sua condição: tinha um pai bêbado e inútil, só usava roupas dadas de esmola e nunca teve uma comemoração de aniversário, Páscoa ou Natal. Entrou para o mundo do crime fazendo um assalto em um ônibus e passou então a assaltar bancos. O narrador o admirava porque ele “tinha sangue frio”, “tinha um certo dom para comandar”, tinha inteligência e personalidade e porque tinha tudo o que o narrador desejava: “só moto nervosa, só mina da hora, só roupa da moda”.
4. Segundo as palavras do narrador, seu irmão era completamente diferente dele (“eu e meu irmão, era como óleo e água”, “a gente nunca teve muito a ver, outra idéia, outro rolê”). O irmão do narrador gostava

de estudar. Tinha o sonho de ser “doutor”. Casou-se, teve um filho e formou-se em direito (advocacia). Enquanto o irmão seguia a vida, procurando ter uma profissão e uma família, o narrador entrou para o mundo do crime. No meio da letra, quando fala de sua atração pela rua, o narrador xinga seu irmão dizendo: “Cuzão, fica você com seu sonho de doutor”. No final da música, lembrando do irmão, diz: “Graças a Deus, não fez o que eu fiz”. Por essas falas, é possível perceber que o narrador se arrepende da vida que teve e fica feliz pelo irmão não ter seguido seus passos.

Sobre a estrutura do texto

5. O *primeiro crime* cometido pelo narrador é o crime de roubo (art. 157). Ele foi com o Guina. Estava armado. Eles renderam todo mundo no posto; o segurança tentou reagir e foi morto pelo Guina. O crime cometido pelo Guina é o de latrocínio (roubo + homicídio) (art. 157, parágrafo 3.º, segunda parte do Código Penal). Ele se achou o máximo, achou que teve um desempenho “nota dez”. Também se sentiu poderoso porque, pela primeira vez, viu o sistema a seus pés. O *segundo delito* cometido pelo narrador é o de homicídio (art. 121). Ele foi até a casa do ladrão “que tava com moral até demais”. O narrador queria mostrar que era melhor que ele. Ele foi acompanhado do Guina e de mais um mano. Entrou sozinho, o ladrão veio recebê-lo, sem nada desconfiar e falou com ele. Ele deu seis tiros no ladrão. No momento em que decidiu atirar no ladrão, ele ficou com raiva porque o ladrão o esnobou, rindo dele. Depois, o narrador parece ter ficado um pouco impressionado, talvez com medo, porque o “fulano, sangue ruim, caiu de olho aberto, tipo me olhando, é, me jurando.” Não há certeza da natureza desse *terceiro crime*, se foi homicídio ou latrocínio. Esse delito não é narrado com detalhes. O narrador apenas menciona o fato de que estava diante de um quadro de terror e que ele tinha sido o autor. Depois desse crime, o narrador já se mostra arrependido da vida que escolheu levar: “Agora é tarde, eu já não podia mais parar com tudo, nem voltar atrás, mas no fundo, mano, eu sabia, que essa porra ia zoar minha vida um dia”.
- O *quarto delito* cometido pelo narrador é uma tentativa de roubo. Era mês de agosto, ele estava duro, chamaram para roubar um posto. Estava tudo fácil, mas o alvejado foi um moleque de 16 anos, um de seus comparsas. Depois disso, ele decide, então, parar com aquela vida. “Não, não, tô a fim de parar, mudar de vida, ir pra outro lugar, um emprego decente, sei lá, talvez eu volte a estudar”.

6.

7.

8.

Sobr

9.

a)

b)

c)

d)

10.

6. Deve-se considerar a disputa que costuma existir entre jovens do sexo masculino, a necessidade de se firmar à frente do grupo de parceiros (e, principalmente, frente ao Guina) e a vontade de construir uma identidade para si, uma imagem de coragem e determinação.
7. Essa fala é de um dos moleques que chega perto do narrador e atira nele. Esses meninos trazem a morte para o narrador.
8. Resposta aberta. No entanto, deve-se privilegiar duas linhas de pensamento: ou o mandante do crime contra o narrador foi o Guina, ou os mandantes foram outros parceiros do narrador, que o queriam morto e apenas usaram o nome do Guina para que os verdadeiros mandantes não fossem descobertos. Para a justificativa das duas linhas de pensamento, deve-se usar as pistas fornecidas pela própria história.

Sobre o ponto de vista do narrador

9. No texto, há quatro momentos em que o narrador volta para o momento em que está baleado:
 - a) No início do *rap*: “Tô ouvindo alguém gritar me nome/Parece um mano meu/É voz de homem/Eu não consigo ver quem me chama”.
 - b) Depois do relato do primeiro assalto executado por ele: “Sinto a garganta ressecada/E a minha vida escorrer pela escada/Mas se eu sair daqui eu vou mudar/Eu tô ouvindo alguém me chamar/Eu tô ouvindo alguém me chamar”.
 - c) Depois do relato do terceiro crime: “Não tô sentindo meu braço/Nem me mexer da cintura pra baixo/Ninguém na multidão vem me ajudar/Que sede da porra, eu preciso respirar/Cadê meu irmão?/Eu tô ouvindo alguém me chamar/Eu tô ouvindo alguém me chamar”.
 - d) No final do *rap*: “Sinto a roupa grudada no corpo/Eu quero viver, não posso estar morto/Mas se eu sair daqui eu vou mudar/Eu tô ouvindo alguém me chamar”.
10. Resposta aberta. Espera-se que os trechos retirados do *rap* sejam exemplos das diferenças entre a narração, a rememoração e a produção de comentários.

VIOLÊNCIA

Considerando-se toda a população, o Brasil tem a quarta maior taxa de assassinatos entre 67 países; dados são de estudo da Unesco:

País é 5º em ranking de homicídios de jovens

Luciana Constantino

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O Brasil é o quinto em um ranking de 67 países com as maiores taxas de homicídios de jovens na faixa dos 15 aos 24 anos. A cada 100 mil jovens brasileiros, 52,1 foram assassinados em 2000. Somente Colômbia, Ilhas Virgens, El Salvador e Venezuela tiveram taxas superiores.

De 2000 para 2002, a situação no país piorou: a taxa passou para 54,5 assassinatos por 100 mil jovens. Analisando a evolução entre 1993 e 2002, detecta-se um aumento de 88,6% nas mortes de jovens. São provocadas por armas de fogo em um terço dos casos. A maioria das vítimas é homem, negro e morre aos finais de semana.

O ritmo de crescimento do número de assassinatos entre os jovens é maior do que na população total. No mesmo período, o aumento de homicídios na população geral (considerando todas as faixas etárias) foi de 62,3%. Em números absolutos, foram mortos 49.640 brasileiros em 2002.

Sem divisão por faixa etária, o ranking divulgado ontem pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) mostra o Brasil com a quarta maior taxa de assassinatos por 100 mil habitantes entre os 67 analisados. Nesse caso, o ano de referência é 2000, por trazer dados comparáveis aos de outros países, nem sempre atualizados.

Mapa

O quadro está traçado no livro O mapa da violência 4 – Os jovens do Brasil, do pesquisador Julio Jacobo Waiselfisz, divulgado em Brasília. Publicada a cada dois anos, a pesquisa é a quarta feita pela Unesco para traçar a situação dos jovens.

Os resultados divulgados no mapa anterior já indicavam que os jovens eram os mais afetados pelo crescimento no número de homicídios no Brasil na última década. Desta vez, Waiselfisz voltou a analisar dados das regiões metropolitanas, incluiu a incidência do fator raça e aumentou o número de países na comparação internacional.

Com base em dados do IBGE e do Ministério da Saúde, o pesquisador chega a conclusões alarmantes: 39,9% das mortes de jovens brasileiros em 2002 se devem a homicídios. Aliados a acidentes de trânsito e suicídios, são as principais causas de morte entre os que têm de 15 a 24 anos.

“Qualquer solução que se queira dar para a violência e para os homicídios tem de passar pela juventude”, conclui o pesquisador. Ele ressalta que o custo

da violência no país pode chegar a 10% do PIB (Produto Interno Bruto), segundo suas próprias contas. "Todos os gastos aplicados em educação no Brasil chegam a 5,3% do PIB. Com isso, o custo da violência é o dobro do que se investe no ensino."

Usando o mesmo argumento, Jorge Werthein, representante da Unesco no Brasil, insiste na necessidade de criar políticas públicas voltadas para a juventude.

"Hoje existem ações separadas. É necessário criar uma política pública que as organize. Precisamos dar respostas para combater a violência não apenas de forma repressiva, mas também preventiva, mantendo os jovens na escola. Dar uma bolsa por mês ao aluno é mais barato do que manter Febens", afirma Werthein.

O governo federal, representado no lançamento do livro pelo ministro Agnelo Queiroz (Esporte), lembra que criou grupo de trabalho para cuidar de políticas voltadas para os jovens.

Para a pesquisadora Edinilsa Ramos de Souza, do Claves (Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde), ligado à Fundação Oswaldo Cruz, outros fatores que contribuem para o alto número de homicídios entre jovens são o aumento dessa população na década de 80, o envolvimento com o tráfico de drogas e o contrabando de armas. "É fundamental desarmar a população."

Já o pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da USP, Paulo Sérgio Pinheiro destaca, além da falta de uma política articulada, a necessidade de combate ao crime organizado e a melhoria do sistema prisional.

"Esse é o quarto Mapa da Violência, e a situação continua igual porque o governo não respondeu à altura", afirma Pinheiro, que foi secretário nacional dos Direitos Humanos entre novembro de 2001 e dezembro de 2002.

Fonte: Folha de S. Paulo – Cotidiano <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0806200401.htm>>. Acesso em: 8 jun. 2004)

ORGANIZANDO APRENDIZAGENS

Neste módulo aprendemos que:

- o *rap* é um subgênero da canção;
- o *rap* é um gênero comprometido com a produção de letras de música que tragam uma mensagem de crítica social;
- o *rap* também é uma das formas de expressão das vozes daqueles que se encontram excluídos socialmente;
- o *rap* pode ser estruturado de maneira a contar uma história, mas de uma perspectiva pouco ou quase nunca considerada: aquela dos que sofrem as violências cotidianas, que sofrem com a falta de perspectivas e com as injustiças da sociedade contemporânea;
- o *rap* é uma forma de expressão que combina a linguagem verbal e a linguagem musical, privilegiando, desta última linguagem, o elemento rítmico.

PARA SABER MAIS

Para conhecer melhor o universo *hip-hop* e sua produção cultural recomendamos as seguintes páginas na internet:

<http://www.bocadaforte.com.br>;

<http://www.culturahiphop.hpg.ig.com.br/arte.htm>;

<http://www.aerosolart.com.br>;

<http://www.aemdaart.hpg.ig.com.br>.

Ação Educativa e Global Editora estão ampliando a coleção *Viver, Aprender* para atender às necessidades de aprendizagem de jovens e adultos que cursam o segundo segmento do ensino fundamental.

Trata-se de seis livros temáticos que abordam assuntos relevantes para compreender a realidade brasileira. Foram elaborados para serem lidos tanto na sala de aula, com a participação do professor e dos colegas, como em casa, no local de trabalho, junto com familiares e outras pessoas. Além desses, compõem a coleção cinco livros voltados às disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática e Língua Estrangeira Moderna, que seguem a mesma abordagem. Cada livro tem um conjunto de textos para leitura, que aproximam o leitor de conteúdos fundamentais para o processo de escolarização e assuntos de interesse, especialmente de quem vive no mundo urbano brasileiro. Acompanha-o um roteiro de atividades. Além de exercitar a escrita e a compreensão dos textos, os leitores poderão obter novas informações e também adquirir procedimentos e habilidades para investigar, debater e buscar soluções para os problemas que os afetam.

Linguagem – Práticas de leitura e escrita (volumes 1 e 2), Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes – Tratam de temas gerais e de questões de linguagem que buscam proporcionar o desenvolvimento de práticas e leitura e escrita socialmente significativas a pessoas jovens e adultas que vivem em centros urbanos.

Matemática e Fatos do Cotidiano (volumes 1 e 2), Helena Henry Meirelles e Maria Amábile Mansutti e Dulce Satiko Onaga – Temas e situações vinculados às experiências de pessoas jovens e adultas de centros urbanos. Propostas e atividades que favorecem o estabelecimento de relações entre os conhecimentos prévios dos estudantes e os conhecimentos matemáticos relevantes no processo de escolarização.

Inglês e algo mais, Fabio Madeira – Aprender uma segunda língua e ao mesmo tempo conhecer diferentes modos de vida e culturas.

A cidade e o urbano no mundo atual, Roberto Giansanti – Um mergulho no universo das cidades modernas, com suas contradições, dramas e iniciativas.

Ver palavras, ler imagens, Denise Grinspum e Noemi Jaffe – Artes plásticas e literatura se entrelaçam de modo a levar o leitor a educar o seu olhar e sua sensibilidade.

Trabalhadores em movimento: desafios e perspectivas, Glória Kok – Os problemas e as contradições do mundo trabalho em nossa sociedade e das saídas e soluções dadas por associações e trabalhadores.

Saúde e qualidade de vida, Marina Valadão – As possibilidades de cuidar de si e dos outros e de compreender o processo de desenvolvimento da pessoa em diferentes dimensões.

Tecnologias e sociedade no Brasil contemporâneo, Roberto Giansanti – As transformações do mundo contemporâneo e suas relações com as tecnologias e a vida cotidiana.

Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos, Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes – Qual é a importância de estudar a história do negro e seus descendentes mestiços no Brasil de hoje para jovem e adulto brasileiro, um país que é de todos? Este volume privilegia o negro, sua história, sua realidade, seus problemas e os caminhos possíveis para este segmento.

global
EDITORA

ação
educativa

